

Desemprego cai, mas com aumento da informalidade

Taxa vai a 13%; 442 mil pessoas passaram a trabalhar sem carteira assinada

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) mostra que o aumento da informalidade fez a taxa de desemprego cair de 13,7%, no primeiro trimestre, para 13% entre abril e junho. É a primeira queda desde o fim de 2014. No período, 690 mil pessoas deixaram a fila do desemprego e a população ocupada voltou à casa de 90 milhões pela primeira vez em seis meses. “Sem dúvida, é um movi-

mento positivo, mas o mercado cresceu pela informalidade”, disse Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE. Na comparação com o primeiro trimestre, foram fechadas 75 mil vagas com carteira assinada. Ao mesmo tempo, 442 mil pessoas passaram a trabalhar informalmente no setor privado e outras 396 mil iniciaram atividade por conta própria. A renda do trabalhador caiu 1%. **ECONOMIA / PÁG. B4**

NOTAS & INFORMAÇÕES

A redução do desemprego

Ainda que muitos estejam na informalidade, mais brasileiros estão encontrando uma fonte regular de rendimento. É mais estímulo para a produção e o consumo. **PÁG. A3**

Por conta própria

BRIGADEIROS CONTRA A CRISE

NILTON FUKUDA/ESTADÃO



● Em maio, a técnica em laboratório Adriana Regina Lima perdeu o emprego em uma empresa de cosméticos. Sem conseguir recolocação, ela par-

tiu para o trabalho informal, fazendo brigadeiros: “Pretendo criar um site para mostrar os produtos. Não dá para ficar de braços cruzados”. **PÁG. B4**

Taxa de desemprego no País cai para 13%

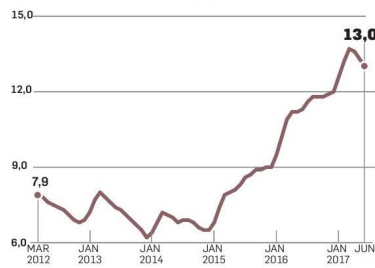
Queda registrada no 2º trimestre foi a primeira desde o fim de 2014, mas resultado foi influenciado pelo aumento do trabalho informal

MERCADO DE TRABALHO

● Mesmo com queda na taxa de desemprego, País perdeu 1 milhão de vagas com carteira assinada no segundo trimestre

Taxa de desemprego

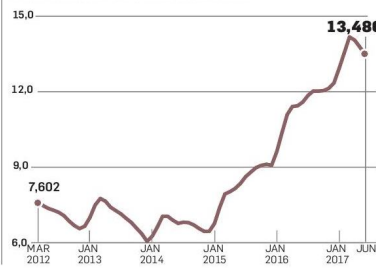
EM PORCENTAGEM - POR TRIMESTRE MÓVEL*



*EM RELAÇÃO AOS TRÊS MESES IMEDIATAMENTE ANTERIORES
 FONTE: IBGE

População desempregada

EM MILHÕES DE PESSOAS - POR TRIMESTRE MÓVEL*



Síntese

Taxa de desemprego

EM PORCENTAGEM



Rendimento médio real

EM REAIS



Posição na ocupação

EM NÚMERO DE PESSOAS

	2º TRI 2017 ANTE 1º TRI 2017	2º TRI 2017 ANTE 2º TRI 2016
Empregado no setor privado		
Com carteira assinada	- 75 mil	- 1,093 milhão
Sem carteira assinada	+ 442 mil	+ 540 mil
Trabalhador doméstico	+ 46 mil	- 122 mil
Empregado no setor público	+ 427 mil	- 1 mil
Empregador	+ 63 mil	+ 484 mil
Conta própria	+ 396 mil	- 415 mil
Trabalhador familiar auxiliar	- 11 mil	+ 43 mil

Daniela Amorim / RIO

O aumento da informalidade fez a taxa de desemprego cair pela primeira vez desde o fim de 2014: passou de 13,7% no primeiro trimestre do ano para 13% entre abril e junho. Nesse período, 690 mil pessoas deixaram a fila do desemprego e a população ocupada voltou ao patamar de 90 milhões de trabalhadores pela primeira vez em seis meses. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) foram divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

“Sem dúvida, esse é um movimento positivo, mas está marcado por postos de trabalho não registrados. O mercado cresceu, mas pela informalidade”, explicou Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE. Na comparação com o primeiro trimestre, três situações deixam isso bem claro: foram fechadas 75 mil vagas com carteira assinada. Ao mesmo tempo, 442 mil pessoas começaram a trabalhar sem carteira no setor privado e outras 396 mil aderiram ao trabalho por conta própria.

Desempregados que passaram a atuar como cabeleireiros, manicures e motoristas de Uber, por exemplo, ajudaram a elevar o contingente de informais, disse Azeredo. “Não temos como separar quem é o motorista de táxi e de aplicativo. Mas sabe que o aplicativo é uma forma de resgate do emprego?”. Foi assim na casa de Adriana Regina Lima, de São Paulo. Após perder o emprego de auxiliar de compras, seu marido virou motorista do Uber. Também desempregada, ela passou a fazer “docinhos gourmet” para complementar a renda (leia mais ao lado). “Estou procurando vagas, aceitaria até receber menos, mas está complicado”, disse.

Rendimento. O aumento da informalidade reflete diretamente na renda média do trabalhador, que registrou queda de 1% no segundo trimestre, na com-

DEPOIMENTO



Saída. Adriana Regina Lima, técnica de laboratório desempregada, começou a trabalhar por conta própria

‘Agora, vendo brigadeiros’

“Por causa da crise, em maio, fui demitida de uma indústria que importava produtos cosméticos. Eu trabalhava como técnica de laboratório. Estou procurando uma vaga, mas está complicado. Até agora só fiz uma entrevista para uma vaga na minha área. Já perdi a

conta de quantos currículos distribuí pela internet. Há um mês, comeci a fazer brigadeiros gourmet para vender. Comecei vendendo para conhecidos, em empresas. Pretendo criar um site na internet para mostrar os produtos. É produto diferente, então você consegue vender.

Não dá para ficar de braços cruzados, esperando as coisas caírem do céu. Não tenho ideia de quanto vou conseguir tirar com a venda de brigadeiros. Mas ajuda. O dinheiro da indenização que recebi aca-

mesmo período do ano anterior. Com isso, foi interrompida uma trajetória de dois anos de vultosas quedas sucessivas”, ressaltou o Iedi, em nota.

A expansão na ocupação no setor industrial, entretanto, se deu pelo aumento no número de trabalhadores sem carteira assinada, especialmente na indústria alimentícia, informou o IBGE. Na passagem do primeiro para o segundo trimestre, outras atividades que criaram empregos foram o comércio (199 mil funcionários a mais), transporte (131 mil), alojamento e alimentação (77 mil), serviços domésticos (39 mil), administração pública, defesa, seguridade social, educação e saúde (485

mil) e o segmento de outros serviços (238 mil).

Instabilidade. Para o professor de Economia da Unicamp, Claudio Dedecca, o mercado de trabalho ainda está em “compasso de espera”. Segundo ele, havia alguma sinalização de recuperação econômica, “mas a crise política gerou uma instabilidade da qual não saímos até agora.”

O especialista em trabalho da PUC-RJ, José Márcio Camargo, avaliou o resultado do trimestre como muito bom. “Houve queda na taxa do desemprego numa época em que normalmente a taxa aumenta”. Em sua opinião, como sazonalmente no segundo semestre há uma

melhora no mercado de trabalho, ele acredita que a taxa de desemprego feche o ano entre 11,5% e 12%, ante os 13% atuais.

Menos otimista está o diretor da CUT, João Cayres, para quem a situação do emprego vai piorar, “ainda mais depois do anúncio do corte do orçamento para as obras do PAC, pois obras geram empregos”. João Carlos Juruna, secretário-geral da Força Sindical, teme pela qualidade das novas vagas que estão surgindo, sem carteira assinada. “O País não pode mais ficar nessa pautada única da LavaJato e deixar de lado a questão econômica.”

COLABORARAM CLEIDE SILVA, FRANCISCO CARLOS DE ASSIS e THAÍS BARCELLOS

3 PERGUNTAS PARA

Hélio Zylberstajn, professor de Economia da USP

1. Como o sr. avalia a Pnad?
 Em vez de verificar o trimestre, se olharmos para o semestre, o número de pessoas trabalhando ficou estável, em 90 milhões de pessoas. É uma boa notícia, pois o emprego parou de cair. Mas o desemprego cresceu de 12% para 13%, ou seja, um ponto porcentual, porque 1,1 milhão de novos trabalhadores entraram no mercado (na PEA).

2. Muda algo até dezembro?
 Temos 13 milhões de desempregados e nos próximos seis meses vai chegar mais 1 milhão de pessoas no mercado. Acho difícil que ocorra uma estabilização na taxa de desemprego. Vai continuar subindo, mas em ritmo menor, pois o segundo semestre sazonalmente é melhor.

3. Como se explica o aumento da renda?
 O rendimento médio cresceu 0,3% nos seis meses. É uma coisa incrível. Quando a inflação está alta isso não aparece, mas quando cai tão rapidamente vira aumento real.

NA WEB
Vídeo. Entenda as novas regras trabalhistas
estadao.com.br/e/novasregras

estadao.com.br/e/novasregras

DEPOIMENTO

Rafael Pessoa, auxiliar administrativo recém-contratado

‘Voltar a trabalhar registrado depois de três meses foi sorte’

“Faz duas semanas que consegui emprego com carteira assinada. Com a crise que há hoje no País, voltar a trabalhar com registro em carteira apenas três meses depois de ter ficado desempregado, foi sorte. Isso me deixou muito feliz. Mudei um pouco a carreira e agora estou conhecendo um outro tipo de mercado.

Estudo psicologia e trabalhei durante oito meses como estagiário na área de Recursos Humanos em uma empresa. Ganhava R\$ 1.200 mensais. Fui demitido porque o departamento da empresa foi reestruturado. Depois, comecei a fazer trabalhos esporádicos, como freelancer para eventos.

Fiz um trabalho numa feira de máquinas para impressão gráfica e a equipe da feira gostou. Consegui fazer algumas vendas. Daí, fui convidado para trabalhar com eles como contratado. Estou iniciando na empresa como auxiliar administrativo, fazendo um serviço mais genérico para começar a focar em vendas depois.

Vou ganhar R\$ 1.500 para trabalhar cinco dias na semana numa jornada diária de sete horas. Como freelancer, quando estava desempregado, tirava

entre R\$ 400 e R\$ 500. Dava para cobrir as minhas despesas pessoais. Mas foram difíceis esses três meses sem emprego. Entreguei entre 80 e 100 currículos nesse período. Fiz muitas entrevistas de estágio, mas a seleção seguiu com outros candidatos.

Pago faculdade e tenho de ajudar nas despesas da casa de meus pais, onde moro. Meu pai deu uma força nesse período e pagou a faculdade. Não fiquei inadimplente. Tive de cortar gastos, com viagens e saídas. Agora dá para pensar em viver: voltar a viajar, sair, comprar coisas que acho legais.

Vejo que os índices de desemprego, pouco a pouco, estão caindo. Mas ainda tenho muito colegas desempregados.” /

RAQUEL BRANDÃO E M.C.

TIAGO QUEIROZ / ESTADÃO

* **ANÁLISE:** *Tiago Cabral Barreira*

Mercado de trabalho deve seguir fraco até o final do ano

Os dados da Pnad Contínua apresentados em junho confirmam a tendência de retomada lenta e gradual do mercado de trabalho. O resultado favorável de junho repete a sequência de quedas no desemprego registradas ao longo dos últimos meses. Contribuiu para esta queda no desemprego nos últimos meses a contínua melhora da População Ocupada (PO).

Contudo, muito desta melhora na PO vem sendo ocasionada pela retomada do emprego informal constituída por trabalhadores sem carteira assinada e trabalhadores por conta própria. Como exemplo, ambos os vínculos empregatícios se destacaram em aumento de PO entre março e junho. Em contrapartida, o total de trabalhadores com carteira assinada registrou no mesmo período queda absoluta de 75 mil.

Outros vínculos que também observaram altas importantes entre março e junho foram os de trabalhadores no Setor Público.

Excetuando o setor de Administração Pública, o crescimento do emprego puxado pelos setores de comércio e serviços confirmam, portanto, um incremento na ocupação de setores tipicamente vinculados a atividades urbanas menos formalizadas e de baixa remuneração. Estes setores, quando somados, têm superado em geração de vagas aqueles mais ligados à contratação de empregos formais e de maior remuneração, como indústria.

Esta tendência de lenta queda do desemprego, com geração de vagas em setores ligados a atividades informais, deverá se manter nos próximos meses. A atividade, no geral, segue desaquecida, em meio a um ambiente de incertezas institucionais, o que reforça as estimativas de vermos um mercado de trabalho fraco até o fim de 2017.

*

PESQUISADOR DO INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS